

Projeto “A Idade e o Género. Até onde vai o preconceito?”

Transcrição do áudio de Irene Pimentel

Tertúlia Online por Zoom, “As Feministas e o Envelhecimento”, Terça, 27 de julho de 2021, 18h

Quando a Manuela Tavares me convidou estive quase para dizer “Que raio de tema de discussão!”. A simples questão de pensar que é um “raio de tema” já nos coloca em pleno no assunto do Feminismo e a Velhice.

Nós esquecemo-nos que iríamos envelhecer. Fomos muito ativas, especialmente as feministas dos anos 70. Fomos muito ativas durante todo o tempo e esquecemo-nos que esse aspeto iria ocorrer. Eu também li um pouco a Lynne Segal, e há uma coisa que ela diz que eu acho muito interessante. Ela tenta dar soluções. Nós não vamos aqui resolver a questão do mundo, mas [em] tudo o que eu tenho lido, o feminismo tenta, de facto, sempre dar algumas soluções. Muitas vezes é às apalpadelas. Não sabemos bem como é que vamos fazer. Uma das questões que ela coloca é que nós nos habituamos ao coletivo. Habituámo-nos a conhecer muitas pessoas, a discutir, a participar em manifestações, conferências, intervenções e, muitas vezes, na velhice isso começa a ser mais difícil. O que não quer dizer que seja impossível!

Ela [Lynne Segal] também levanta a questão que nós, especialmente nós que estamos aqui e temos por volta dos 60 e tal ou 70, (eu já ultrapassei os 70, já tenho 71), estamos mais atomizadas. O termo que ela utiliza, que é um termo que eu aprendi a estudar com a Hannah Arendt, é, ao fim ao cabo, aquilo que o totalitarismo também faz. É tentar atomizar as pessoas e isolá-las, colocá-las cada um no seu espaço, sem conversarem entre si, potenciando a solidão, porque é também a forma de o poder se exercer de forma mais importante.

Outra coisa que eu achei muito interessante quando andei a preparar-me para esta sessão foi que as feministas pensaram muito pouco até agora sobre isso. Ou seja, não só pensavam que não envelheceriam, como também não pensaram muito sobre esta questão. Evidentemente que, por todo o lado, a Simone de Beauvoir é um bocadinho abordada porque, ela própria, teve a noção da velhice, um pouco antes do seu tempo. Tem um livro que se chama mesmo *A Velhice*, e já no *Segundo Sexo* de 1949, há ali uma abordagem, embora ela fosse muito nova nesse momento. O que é certo é que a

vida da própria Simone de Beauvoir decorreu numa situação diferente da nossa vida atual. Pelo menos a nível da Europa e aqui [em Portugal]. Uma mulher de 70 anos no período da Simone de Beauvoir era de facto uma velha. [Agora] nós temos que ter quase uma quarta idade ou a idade muito para além da atividade, porque continuamos ativas.

Porque é que houve este esquecimento? Eu acho que tem a ver com a própria forma como nós fomos ativas.

Eu sou uma beauvoiriana, não sou uma feminista essencialista e dou muita importância às questões do género, da cultura, e da história. Aquela célebre frase “Nós não nascemos mulheres, nós tornamo-nos mulheres”. A mesma coisa se pode dizer da velhice: nós não nascemos velhas, tornamo-nos velhas. Nós não nascemos menopausicas... Utilizo de propósito esse termo, que muitas vezes é visto de forma pejorativa, porque, de facto, é qualquer coisa que nos atingiu, em determinado momento da nossa vida e teve reflexos sobre a forma como nos vemos ao espelho, mas também como os outros e as outras nos viam e veem.

Sou muito amiga da Maria do Céu Guerra e, há muitos anos, eu disse assim, “A minha mãe quando tinha perto de 40 anos uma vez disse-me que não se via ao espelho velha. Aos 40 anos! E eu, que tinha para aí 20 ou menos, disse «Bem a minha mãe não está boa da cabeça, porque é óbvio que ela está velhíssima!»”. Isto aos 40 anos... Não sei quantos anos depois, muitas vezes nós olhamos ao espelho e não vemos também isso. A Céu Guerra, que está muito habituada a pensar sobre estas questões, até porque os atores expõem-se muito, disse-me “É porque nós, quando nos vemos ao espelho, normalmente olhamos para os olhos e não vemos o resto, não vemos as rugas, não vemos uma série de coisas”. E não vemos o contrário da forma como nos sentimos. Também há formas de envelhecer diferentes. Há pessoas que estão mais dependentes do que outras. Há pessoas que ainda fazem desporto. Há pessoas que andam muito bem. E isso também tem de se ter em conta.

Até agora parece que não referi muito o feminismo. Onde é que o feminismo entra relativamente a isto? É precisamente da mesma forma como sempre entrou: é ter em atenção às discriminações, à desigualdade, à forma diferente como, por exemplo, mulheres e homens vivem a sua sexualidade ao envelhecerem. Aqui introduzimos não só a questão de género, mas também a questão de classe social. Uma mulher mais velha que vive num lar, não tem a mesma vida que nós temos aqui, neste preciso momento.

Por outro lado, uma mulher do campo não tem o mesmo tipo de vida que uma mulher que foi professora.

A questão da reforma é completamente diferente numa mulher do que num homem. A maior parte das mulheres continua com as tarefas domésticas na velhice. Não há reforma para as tarefas domésticas. Elas continuam... continua o mesmo tipo de não participação, isto no caso de ainda existir o marido, porque as mulheres também sobrevivem aos maridos. Portanto, muitas vezes, estão sozinhas e têm de contar com apoios e cuidados. Ou seja, elas querem ser autónomas e, ao mesmo tempo, precisam também já de alguns cuidados.

Depois há aqui uma pequena provocação. Eu lembro-me que, há muitos anos, nós, as feministas, dizíamos que a menopausa não ia provocar absolutamente nenhuma diferença nas mulheres. Ora, isso não é verdade. Sabemos bem que isso não é verdade e eu acho que nós, feministas (e eu também participei nisso), de certa forma, mentimos às nossas camaradas, às nossas colegas, às nossas companheiras, mais velhas ou mais novas. Não compreendendo muitas vezes as mais velhas, que diziam “Não, há aqui qualquer coisa que aconteceu” e, ao mesmo tempo, também não dando a preparação às pessoas mais novas do que nós para que comecem já a pensar nestas coisas. As feministas beauvoirianas, não essencialistas, nas quais eu me conto, têm uma característica: toda a vida disseram a tal frase “Nós tornamo-nos mulheres”. Nós podemos fazer praticamente tudo que os homens fazem, ter as mesmas profissões e é verdade que o aspeto físico não era tido em conta por nós. E agora tem de ser tido em conta. Nas nossas idades apercebemo-nos do físico. Ou seja, embora o feminismo não reduza os seres humanos à biologia, neste caso as mulheres, porque há a cultura, a história, o género, quando chegamos a esta fase da nossa vida a biologia passa a contar.

Eu gostaria ainda de introduzir aqui um tema que me preocupa. Que é, não só a falta de autonomia e a dependência, mas a questão da morte. A proximidade da morte. O feminismo também tem de ter em conta a questão da morte. Morrer em dignidade. A questão da eutanásia é talvez um aspeto que o feminismo, ao pensar no envelhecimento, também deve tratar ou abordar pelo menos. A vida e a morte em dignidade.

Debate

Início da intervenção: 1.31.40 min

Irene Pimentel: A questão do corpo e do desejo é uma das grandes bandeiras do feminismo, como sabem. O corpo é meu, o corpo é nosso. A Guida falou imenso sobre essa questão. Na questão do envelhecimento isto torna-se ainda mais crucial porque, de facto, há um novo corpo com o qual temos de lidar. Se cairmos não é da mesma forma que foi há uns anos, determinadas pessoas têm de fazer determinadas dietas... O feminismo pode dar a sua experiência da Segunda e Terceira Vaga justamente por tratar a questão do desejo, a questão da sexualidade, a questão do corpo.

Há aqui duas ou três palavras muito importantes que foram ditas. A Guida falou muitas vezes do “assumir”. Eu diria também a palavra “autoestima” que é, justamente, uma palavra que o preconceito elimina. Nós sabemos que, por exemplo, na altura da Simone de Beauvoir não havia muitas destas questões. Não havia o tornar um jovem bom só porque é jovem. Por contradição um velho é mau. Isto não existia no tempo da Simone de Beauvoir, mas também não existia o facto de as pessoas chegarem aos 90 anos e de muitas mulheres chegarem aos 90 anos. O feminismo vai ter de tratar destas novas questões também...

Algo que é muito importante é a questão da infantilização. Aquela coisa que muitas vezes se diz “Então como é que estamos hoje?”. De repente já não somos uma individualidade, uma singularidade. Ao fim ao cabo é retirar-nos a nossa própria identidade e a nossa própria história.

Acho extraordinariamente importante a horizontalidade e a verticalidade do relacionamento, ou seja, a intergeracionalidade. É obvio que hoje aprendemos imenso com as novas gerações, assim como elas aprendem connosco. Só para dar o exemplo. É fundamental nós, que temos 70 ou 60 anos, podermos explicar que houve uma altura das nossas vidas que foi vivida em ditadura, com o peso da Igreja Católica, com o peso do Código Civil que dizia que o homem era sempre o chefe de família, com o peso de pensar que a vida seria casamento, ter filhos e obedecer ao seu marido.

A nossa grande vantagem, sobretudo em Portugal, e como viram nos últimos dois dias isto tornou-se ainda mais evidente com a morte do Otelo de Saraiva Carvalho,

é que, ao fim ao cabo, nós fizemos uma grande mudança nas nossas vidas, em plena maturidade ou adolescência e ainda temos a memória e a história de todas essas questões para os perigos atuais. Porque se há algo que não podemos esquecer é que a discriminação estará sempre presente, o neoliberalismo continua, e o neoliberalismo está-se nas tintas para os velhos porque já não produzem, e gosta muito dos jovens porque, por enquanto, ainda podem ser explorados por tudo e por nada. Sabemos que conquistámos muitíssimo. Há, por exemplo, o Feminismo de Estado, uma coisa impensável antes do 25 de Abril, mas também na Europa antes da vaga dos anos 70. Temos noção de que tudo isto pode voltar para trás. Pode ser perdido. Há a extrema-direita, e a extrema-direita não quer feminismo, antes pelo contrário, combate o feminismo. Quer discriminações, quer o racismo, quer a homofobia, quer a transfobia e isso tudo é algo que nos permite [ver] em verticalidade, não no sentido do poder [em cima] e cá em baixo os “mandados”, mas no sentido das idades e da intergeracionalidade.

E sim, o desejo, o desejo social, o desejo de participação social, o desejo sexual continuam, de formas diferentes.

Teresa Sales: O desejo continua a existir nas mulheres, e nos homens, mas é silenciado. Completamente silenciado.

Irene Pimentel: Porque uma velha não tem nada de ter desejo. É uma velha gaiteira! E muitas das coisas que disse a Guida... Eu gosto de ter o cabelo branco, mas também percebo as mulheres que pintam o cabelo. Eu pinte até determinada altura. Isto tudo é possível, desde que nós queiramos. Eu só não gosto muito, e isso vou dizer, de grandes agressões ao físico, por exemplo, com o eterno rejuvenescimento, que não é um eterno rejuvenescimento. Acho que é a outra face da moeda da segregação e da discriminação da velhice. Mas se as mulheres precisam de tirar as suas rugas também têm todo o direito a fazê-lo. É preciso também terem o dinheiro... Isto para dizer que devemos “assumir”, grande palavra que todas nós estamos a [usar]. Mas é verdade, o conteúdo da palavra é fundamental. A autoestima, a perda da vergonha, não termos vergonha. Acho que a Guida também utilizou esse termo. Acho que muitas mulheres mais velhas têm vergonha, têm vergonha perante os filhos, perante outros homens, perante outras mulheres que têm um aspeto mais novo. A perda disso e sim continuamos com a noção de que o corpo é nosso!

Fim da intervenção: 1.39.44 min

Transcrição por Joana Ralão

12 de setembro de 2021